

4468

Encontro histórico

Tribos fazem intercâmbio de arte e sobrevivência

O encontro entre duas formas culturais diferentes onde uma indígena, tem como base a tradição e, a outra, urbano-periférica possui traços da modernidade apesar de capenga, acabou por diagnosticar um ponto comum entre as duas: ambas vivem na marginalidade. Foi isso o que pôde ser constatado durante a visita de três dias feita por 36 índios das tribos tremembés e do Córrego de São José do Capim Açú, localizadas no Município de Itarema à comunidade de idosos das 4 Varas, no Pirambu, zona Oeste de Fortaleza. Eles se reuniram para trocar experiências e captar da população de 4 Varas um pouco da sua vivência em trabalhos comunitários.

É que independente da ajuda de instituições governamentais a população das 4 Varas resolveu se organizar e hoje conta com um grupo de 120 idosos que realizam trabalhos manuais como forma de terapia. Além de creche, iniciativa das mães da comunidade, grupo de mulheres e de jovens que discutem entre outros temas o alcoolismo dos pais. Como explica Adalberto Barreto, coordenador do trabalho e professor do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) "a comunidade de 4 Varas é bem organizada, exemplar".

Barreto revela como surgiu a idéia do encontro entre a população das 4 Varas com os índios que foi a partir de uma sessão de psiquiatria alternativa conforme acontece todas as quintas-feiras naquele local, em que um tremembé estava presente, há dois meses. O índio falou das mortes que acontecem na região, da falta de terra dos tremembés, bem como o desrespeito para com seus direitos individuais e coletivos.

VISITA

Foi então que um grupo formado por 28 pessoas de instituições como a UFC, a Legião Brasileira de Assistência (LBA), através da assistente social, Norberta Viana que também participa do programa e Direitos Humanos do Pirambu resolveu ir até Itarema para verificar durante dois dias a situação dos índios. Agora, explica Barreto, eles vieram retribuir a visita que resolvemos transformá-la num pretexto pedagógico.

A idade dos indígenas fica entre os 60 a 86 anos (o mais velho) e afirmaram viver basicamente de esmolas ou do que ganham de parentes ou pessoas conhecidas. Eles desconhecem a "modernidade ou pelo menos não têm acesso, a exemplo do que acontece com o pessoal das 4 Varas. Durante os três dias eles conversaram com os membros da co-



Além de creche, todos eles discutem temas de interesse comunitário

munidade do Pirambu e aproveitaram para mostrar que também têm os seus momentos de lazer, através da coreografia do Torém — uma dança em ritmo de xote, típica dos índios tremembés. Ela é dançada na época da colheita do caju e ao sabor do mocororó, vinho feito de caju fermentado — como observa Barreto. Após o almoço eles retornaram ontem à tarde para sua comunidade.

A alimentação foi doada pela LBA, que desembolsou cerca de Cr\$ 500 mil e o transporte foi garantido pela UFC. Na quinta-feira eles foram recebidos pelo reitor da UFC, Antônio Albuquerque. Para Barreto a dança representou a confraternização de ambos os grupos sociais, servindo como uma vivência e, não apenas como um show, um espetáculo. Ontem eles tiveram uma manhã de reflexão ao assistirem ao vídeo sobre sua cultura que na região onde moram não é valorizada. As pessoas os xingam, reclamam.

MARGINALIDADE

Conforme Vicente Viana, 61 anos, cacique de Almofala da tribo dos tremembés a situação é muito difícil, principalmente porque falta terra para plantar as culturas do feijão, arroz e mandioca. "A gente tem uma vivenciazinha de pesca do búzio, do caranguejo, mas não tem farinha ou arroz para fazer a mistura", resata que de 1.500 para cá, como contam os mais velhos "a gente era morador do Brasil, que não foi descoberto por ninguém. Nós que trabalhava aqui é que era o dono, protesta. Hoje, o que a gente quer é que essas entidades que têm conhecimento descobrissem nossos direitos, sobretudo de reaver a terra", é este o desejo do cacique Vicente.

Conta que antes do descobri-

mento "nossa religião era dada pela natureza e a gente não rezava novena. A cultura era a gente que encontrava e ela ia se formando". Até hoje, lembra, "não esquecemos e nem perdemos certos costumes". Sobre a troca de experiência com a comunidade das 4 Varas, ele diz que "achei muito bom". Eles desenvolvem algumas coisas e podem ensinar para nós", espera o cacique Vicente, acrescentando que "você (comunidade 4 Varas) têm cultura mas falta experiência".

MAIORES

Achou interessante o grau de desenvolvimento do trabalho de participação comunitária que a população desenvolve, afirmando que lá (no interior) "só os ricos têm direito. Nós também precisamos ter". Quem possui o maior pedaço de dinheiro é o mandão, pois não enxergam o direito, só enxergam o dinheiro, denuncia. O cacique Vicente calcula que existem cerca de dois mil índios na região, afirmando aumentarem cada vez mais as migrações. Eles procuram os bairros de Fortaleza ou vão para outros estados como Maranhão e Piauí. Ele possui sete filhos e nenhum deles sabe sequer assinar o nome, completando que a comunidade não conta com assistência médica, escola nem mesmo de primeiro grau. "Um índio não tem direito a um par de chinelo e nem um lugar para morar".

A índia Maria José dos Santos Sousa, 56 anos, tem sete filhos ainda tem disposição para dançar o Torém. Ressalta que a vida das Mulheres é bastante dura: "A gente lava uns paninhos para ganhar no final da tarde um litro de arroz, fajão. As crianças comem de tudo a partir dos seis meses de idade: é siri, peixe, caranguejo e até barro, assegura.



Laços fortes com as tradições



Os índios tremembés também aproveitaram o momento para mostrar suas danças que são executadas nas colheitas